



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes
Departamento de Ensino de Ciências e Biologia

Luciana Fiuza de Castro

A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar

Rio de Janeiro
2010

Luciana Fiuza de Castro



A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Ms. Lucienne Sampaio de Andrade

**Rio de Janeiro
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/ REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CTC-A

C355 Castro, Luciana Fiuza de

A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar/ Luciana Fiuza de Castro. – 2010
48 f. : il

Orientadora: Lucienne Sampaio de Andrade.

Banca examinadora: Lúcia Cristina da Cunha Aguiar, Andréa Espínola de Siqueira

Monografia apresentada ao Instituto de Biologia Roberto Alcantara Gomes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para a obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

Bibliografia: f. 48-49.

1. Sociologia Educacional. 2. Televisão na Educação. I. Andrade, Lucienne Sampaio de. II. Unversidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia Roberto Alcantara Gomes. III. A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia.

Assinatura

Data

Luciana Fiuza de Castro

A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca examinadora: _____

Prof^a. Ms. Lucienne Sampaio de Andrade (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a Ms Lúcia Cristina da Cunha Aguiar
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a Dr. Andrea Espinola de Siqueira Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Em memória de minha avó, grande fã e amiga inestimável
Maria da Penha Delduque Vieira Machado.

AGRADECIMENTOS:

À minha mãe que me ajudou de todas as formas nesse e em todos meus projetos.

À minha orientadora, Lucienne Andrade por suas idéias e incentivo.

Aos professores do IAPUERJ que possibilitaram esse projeto.

A Marlon de Almeida, que me auxiliou na coleta de informações.

Ao meu pai, meu irmão e a Carlos Eduardo, que me muito me apoiaram em toda a faculdade.

EPIGRAFE

Eu quero ser professor
Para tornar o erro semente:
Plantar e seguir em frente.

Eu quero ser professor
Pra dialogar, tecer
A compreensão e a ação.

Moaci Carneiro

RESUMO

FIUZA, L. A Mídia e a Expectativa do Espaço Escolar. 46f. Monografia - Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

A escola é um espaço múltiplo, que abriga pessoas com diferentes expectativas de suas atribuições. No entanto, permanece arraigado nas instituições de ensino padrões cujas motivações históricas para existir não mais se adequam as demandas da sociedade atual. Enquanto a realidade e a expectativa de inovação se contradizem, a mídia tem revelado que o seu jovem consumidor não se reconhece mais na escola real que frequenta. Escolas fantásticas, grandes aventuras e aulas totalmente diferenciadas são exibidas na televisão. Os alunos consomem diariamente programas que mostram escolas que em nada convergem com sua realidade. Nesse trabalho foi criada a oportunidade para que alunos de sexto e sétimo ano de Ensino Fundamental comentassem a Escola que vêem em programas de televisão e, a partir dali, comparassem com sua escola real. Ao observar as respostas dos alunos a partir do questionamento apresentado, pudemos notar uma grande semelhança entre suas expectativas com o que é indicado pelos especialistas em Educação.

Palavras-chave: Ensino Fundamental, influências da mídia, espaço escolar

ABSTRACT

Although the Middle school is a long aged institution, that is no long correctly placed in the people's life like it should be. In Brazil the learning still is based on old school methods and those are no long fulfilling the society expectations. To understand the students real-school points of view we ask them to answer one quiz where they should contrast their school with their favorite TV program's school. As a result we discovered several similarities between the students hopes and the ones expressed by educational specialists. This work look forward to show that students know about the middle school is no long fulfilling their needs and they are expecting changes, just like the bibliography lights up.

Key words: Middle School, Media influence, School Culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo de página apresentada aos alunos para que respondessem a pesquisa implementada	28
Gráfico 2 - Tipo de mídia mais assistida pelos alunos entrevistados.....	34
Gráfico 3 - País de origem dos programas de TV assistidos pelos entrevistados.....	35
Tabela 4 - Programas de TV mais assistidos pelos alunos – número de alunos e porcentagens por ano.....	36
Figura 5 - Ned, o personagem principal do seriado: “Manual de Sobrevivência Escolar do Ned”.....	37
Figura 6 - Zoey, personagem principal do seriado “Zoey 101”.....	39
Figura 7 -. Jimmy, personagem principal do desenho “Padrinhos Mágicos”.....	40
Figura 8 - Os três principais personagens do anime “Naruto” – Sakura, Naruto e Sasuke	41
Figura 9 - Família Simpson do seriado “Os Simpsons”	43
Figura 10 - Adão Leão e seu amigo do desenho “Meu amigo da escola é um macaco”	44

LISTAS ABREVIATURAS

IAP-UERJ - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF – United for children

SUMARIO

INTRODUÇÃO	14
2. A ESCOLA E O ESPAÇO ESCOLAR	16
3. O DESENHO E A ESCOLA	23
4. LOCAL DA PESQUISA	26
5. OBJETIVO	27
METODOLOGIA	28
RESULTADOS	30
7.1. A Violência nos Programas Escolhidos	31
7.2. Influência da Greve Nas Respostas	31
7.3. O Espaço Escolar	32
7.4. Violência na Escola: O Caso do <i>Bullying</i>	33
7.5. Programação: TV Aberta X TV A Cabo	33
7.6. Nacionalidades da Programação Assistida	34
7.7. Diferentes Escolhas entre Sexto e Sétimo Ano	35
8. DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS MAIS ESCOLHIDOS	37
8.1. “Manual de Sobrevivência Escolar do Ned”	37

8.2. “Zoey 101”	39
8.3. “Padrinhos Mágicos”	40
8.4. “Naruto”	41
8.5. “Os Simpsons”	43
8.6. “Meu amigo da escola é um macaco”	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO:

O Brasil vive num contexto de reforma educacional. O modelo adotado não atendia mais as demandas e exigências da sociedade para a escola, além de ser ultrapassado em relação às novas propostas pedagógicas sugeridas por estudiosos da área. Assim, são propostos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) cujo objetivo é organizar essas novas propostas e transmiti-las a todo o país (BRASIL, 1998b).

O PCN trabalha em conjunto com outros métodos avaliativos e ações do Estado visando a Educação, que na prática ainda não está condizente com as propostas. O clima de reforma está evidente entre as instituições de ensino. Os métodos devem se adequar ao mundo novo, globalizado, tecnológico, que possui dinâmica e exigências muito peculiares para seus jovens.

Em meio a tudo isso, as novas propostas em choque com antigos métodos, em uma Escola arraigada no passado, estão os alunos. Estes tem amplo acesso a informação de diversos modos e já estão adaptados às mudanças atuais, mas ainda assim não as observam onde estudam. A escola devia preparar-lhes para o futuro, mas não tem acompanhado da maneira necessária.

Diante desse cenário, quando o real não está de acordo com o que é esperado, surge o que chamamos de expectativa. No caso, a expectativa sobre a escola. O que se espera da escola? Como a escola, dentro das necessidades atuais deveria ser? O que falta? Essas questões são relacionadas e formam, junto a outras, a expectativa dos vários grupos que constituem a instituição escolar.

Esse trabalho faz um apanhado das principais expectativas dos estudiosos em relação a escola que se adequaria as propostas atuais, baseando-se especialmente no PCN. Em seguida, os alunos puderam comparar a sua escola real com uma escola expectativa, analisando sua realidade criticamente. A pesquisa foi realizada com alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A ferramenta utilizada para oportunizar essa comparação crítica pelos alunos foi um questionário, cuja resposta deveria ser elaborada a partir da imagem de

escola vinculada pela mídia. Os alunos escolheram, entre todos os programas, filmes ou desenhos vinculados na mídia, qual seu favorito em que aparecia uma escola. Assim buscávamos utilizar a influência sobre seus espectadores, já há muito tempo estudada e comprovada (FERREIRA, 2003) como forma de facilitar a comunicação, exemplificação e uniformizar, dentro do possível, as respostas dos alunos.

Ao comparar a escola dos programas à sua escola real, as respostas dos alunos pareceram bastante racionais. Diferente do que se poderia supor, a maioria não colocou escolas mágicas nem totalmente fora da realidade. As respostas citaram questões relacionadas à cultura, espaço escolar, meio ambiente e propostas pedagógicas.

2 – A ESCOLA E O ESPAÇO ESCOLAR:

O ambiente escolar tem grande influência na formação de valores, comportamentos e opiniões de seus alunos (ANDRADE, 2007). Devido a essa influência, a escola deve ser entendida sob uma ótica sócio-cultural, onde os sujeitos formam uma trama social que a constitui enquanto instituição (DAYRELL, 1999). Até porque, além de seu caráter formativo, a escola contribui na construção de valores pessoais e dos significados atribuídos a objetos e situações entre as gerações, de modo complementar à família (AERTS ET AL, 2004; ELALI, 2003).

A escola, enquanto construção social, é moldada em seu cotidiano por aqueles que a freqüentam. As pessoas que convivem nesse ambiente não são apenas agentes passivos diante de uma estrutura sólida e rígida. Ao contrário, a instituição é uma contínua construção de conflitos e negociações, em função de circunstâncias determinadas (DAYRELL, 1999).

A escola, enquanto instituição, tem bases não somente na sociedade na qual está inserida, mas também está relacionada a todo o processo histórico que a formou (BRASIL, 1998b; KRASILCHIK, 2000). A soma de todos esses fatores agregados resultou que, no cotidiano escolar da maior parte das escolas atuais, os conhecimentos transmitidos sejam reduzidos a produtos, “objetos” a serem transmitidos, com o objetivo final de acumular notas e passar em provas (Dayrell, 1999). Assim, ensinar torna-se repetir esse conhecimento acumulado, pronto e inquestionável, e aprender passa a ser assimilá-lo e reproduzi-lo em documentos a serem verificados e qualificados.

Não se tem promovido o espírito criativo e imaginativo necessário ao desenvolvimento do pensamento divergente, da multiplicidade das idéias e até mesmo da ousadia (MOURA ET AL, 2007). O conhecimento tem sido visto como um produto pronto e acabado, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo (DAYRREL, 1999). De forma que o foco dessas escolas passa a ser o resultado final do aluno, a quantidade de conteúdos, as notas em provas, e não a qualidade do que e como os conteúdos foram aprendidos.

A postura passiva que é exigida por algumas instituições para os alunos, que apenas cumpram tarefas apresentadas, provoca uma espécie de inércia mental,

levando-o à incapacidade de perceber as implicações envolvidas nas perguntas (COELHO ET AL, 1994). Para formar alunos com as habilidades necessárias para se adequar às demandas atuais é preciso uma escola com um foco diferente. Essa deve ser uma instituição envolvida em uma ampla rede de conexões, sistêmica, promotora do ser humano, que perceba a natureza como fonte de vida e discuta as relações do/no ambiente sob a ótica da bioética (MOURA ET AL, 2007).

No ensino de ciências é de fundamental importância essa capacidade crítica e criativa de generalizar e aplicar informações, assim como superar paradigmas e construir conhecimentos. De modo que, apesar das expectativas para a escola, um espaço que deveria ser construtivo, a fragmentação, a despersonalização e a desmotivação continuam sendo as situações verificadas na escola real (MOURA ET AL, 2007).

As propostas curriculares para o ensino de ciência, dentro das prioridades atuais da sociedade, possuem como principal meta preparar os alunos para o exercício da cidadania (SANTOS, 2001). Entretanto, o que se tem observado na escola real é o cientificismo e a reprodução excessiva dos conteúdos, reduzindo a percepção da ciência à aceitação de 'verdades' e a repetição do passado (MOURA ET AL, 2007). Os principais procedimentos utilizados no ensino de ciências continuam priorizando a memorização de informações, cópias de experimentos e respostas padronizadas (COELHO ET AL, 1994).

Assim como a ciência, que não é uma atividade neutra e seu desenvolvimento está diretamente imbricado com aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais (SANTOS, 2001), a escola também sofre os impactos das mudanças políticas, sociais, econômicas e tecnológicas (KRASILCHIK, 2000). Mesmo assim, ela resiste às mudanças, pois é uma instituição que carrega consigo o fardo do conservadorismo (MOURA ET AL, 2007). Por isso, essa instituição está conflituosa, sempre dividida entre o que poderia e até deveria ser, e aquilo que é, dentro de seus moldes conservadores, que não mais se adequam às demandas da sociedade atual.

Muitas práticas, ainda hoje, são baseadas na mera transmissão de informações, tendo como recurso exclusivo o livro didático e sua transcrição na lousa; outras já incorporam avanços, produzidos nas últimas décadas, sobre o processo de ensino e aprendizagem em geral e sobre o ensino de Ciências em particular (BRASIL, 1998a). Uma possível explicação para essa inadequação do

método de ensino de Ciências Naturais poderia ser os desdobramentos históricos da implementação da própria disciplina no Ensino Fundamental. Afinal, o ensino de Ciências Naturais é relativamente recente na escola fundamental e tem sido praticado de acordo com diferentes propostas educacionais nas salas de aula (BRASIL, 1998a).

As escolas refletem as maiores mudanças na sociedade – política, econômica, social e culturalmente (KRASILCHIK, 2000). Durante a “guerra fria”, por volta de 1960, a corrida espacial justificou investimentos em ensino básico pelo mundo todo, a busca era preparar jovens mentes que se tornassem cientistas no futuro. No Brasil, a necessidade de preparação dos alunos mais aptos era defendida em nome da demanda de investigadores para impulsionar o progresso da ciência e tecnologia nacionais das quais dependia o país em processo de industrialização (KRASILCHIK, 2000).

No ambiente escolar, o conhecimento científico era considerado um saber neutro, isento, e a verdade científica, tida como inquestionável. A qualidade do curso era definida pela quantidade de conteúdos trabalhados. O principal recurso de estudo e avaliação era o questionário, ao qual os estudantes deveriam responder detendo-se nas idéias apresentadas em aula ou no livro didático escolhido pelo professor (BRASIL, 1998a).

Muitas práticas, ainda hoje, são baseadas na mera transmissão de informações, resquícios do que era pensado no período em que foi formulada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961. Antes dessa lei, ministravam-se aulas de Ciências Naturais apenas nas duas últimas séries do antigo curso ginásial, a partir dela, a obrigatoriedade do ensino da disciplina foi estendida a todas as séries ginásiais (BRASIL, 1998a).

Em seguida, em 1964, com as mudanças no cenário político brasileiro, mais uma vez as propostas educacionais de todo o país foram alteradas, papel da escola foi determinado a promover a formação do trabalhador, o que era considerado importante para o desenvolvimento econômico do país (KRASILCHIK, 2000). E então, com uma nova Lei de Diretrizes e Bases, de 1971, Ciências passou a ter caráter obrigatório nas oito séries do primeiro grau (BRASIL, 1998a).

A Constituição de 1988 apresenta o Plano Decenal de Educação. Nele, reafirma a necessidade e a obrigação do Estado de elaborar parâmetros claros, no campo curricular, capazes de orientar o ensino fundamental de forma a adequá-lo

aos ideais democráticos e à busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras (BRASIL, 1998b). Esse Plano foi posto em prática a partir de 1993 e culminou na produção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998, no qual estão listadas as expectativas de pesquisadores e docentes para a escola atual.

Em 1996, foi aprovada uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação a qual estabelece que: a educação escolar deva vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social; os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum; a formação básica do cidadão na escola fundamental exige o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, a compreensão do ambiente material e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (KRASILCHIK, 2000). Essa nova tendência deslocou o eixo da questão pedagógica dos aspectos puramente lógicos para aspectos psicológicos, valorizando-se a participação ativa do estudante no processo de aprendizagem, o objetivo do ensino deixou de ser apenas informativo para se tornar, também, formativo (BRASIL, 1998a).

O atual movimento de reforma da escola é um processo de mudança nacional, com uma forte tendência à volta do papel centralizador do Estado pela emissão de normas e regulamentos (Krasilchik, 2000). Tal fato se evidencia nas ações do Ministério da Educação e Cultura que tomam por objeto as mudanças curriculares e a organização geral da escola, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Sistema de Avaliação da Educação Básica; as Diretrizes Curriculares Nacionais propostas pelo Conselho Nacional de Educação; as políticas de financiamento, tais como a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e mais recentemente o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica, dentre outras (ABREU, 2005).

Isso é conseqüência do compromisso assumido pelo Brasil em diversos eventos importantes relacionados ao tema. Como a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, convocada pela Unesco, Unicef, PNUD e Banco Mundial, em que se comprometeu a desenvolver propostas na direção de “tornar universal a educação fundamental e ampliar as oportunidades de aprendizagem para crianças, jovens e adultos” (BRASIL, 1998b).

O Brasil é também signatário da Declaração de Nova Delhi — assinada pelos nove países em desenvolvimento de maior contingente populacional do mundo —

em que reconhece a educação como instrumento proeminente da promoção dos valores humanos universais, da qualidade dos recursos humanos e do respeito pela diversidade cultural (BRASIL, 1998b).

A sociedade brasileira, através de seus ordenamentos legais, hoje atribui à escola a função de preparar as novas gerações para a participação, ativa e crítica, na vida social do país através da aquisição de conhecimentos e atitudes (SOARES, 2004). As proposições, expressas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem como objetivo estabelecer referenciais a partir dos quais a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania (BRASIL, 1998b).

Nesse sentido, a expectativa sobre a escola é que essa seja, ao mesmo tempo, espaço de construção da liberdade, do saber e da cidadania (MOURA ET AL, 2007). Os Parâmetros Curriculares Nacionais apóiam-se em normas legais e procuram contribuir na busca de respostas a problemas identificados no ensino fundamental, objetivando uma transformação desse ensino que atenda às demandas da sociedade brasileira atual (BRASIL, 1998b).

Os alunos devem ser capazes de solucionar questões, ter um olhar crítico, ético e transdisciplinar. Reconhecer questões ambientais, de saúde e, também o conteúdo científico necessário para incorrer sobre essas duas. O conhecimento apreendido deve ter função prática, aplicação no cotidiano, embasar a discussão sobre questões diárias, não apenas regionais, mas também globais. A formação básica do cidadão na escola fundamental exige o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, com a compreensão do ambiente material e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (KRASILCHIK, 2000).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o aprendizado é proposto de forma a propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma compreensão do mundo que lhes dê condições de, continuamente, colher e processar informações, desenvolver sua comunicação, avaliar situações, tomar decisões, ter atuação positiva e crítica em seu meio social. Como é definido nos Parâmetros:

“Ao delinear o papel da instituição escolar não se está buscando uma uniformização dos estabelecimentos escolares, uma vez que cada escola tem sua história, suas peculiaridades e sua identidade. O objetivo é identificar os aspectos desejáveis e comuns a todas as escolas brasileiras responsáveis pela educação fundamental. (...) neste final de milênio, a sociedade brasileira vive um momento de rápidas

transformações econômicas e tecnológicas, ao mesmo tempo em que os avanços na cultura e na educação transcorrem de forma bastante lenta. Em função de uma economia dependente, não se desenvolveu uma cultura e um sistema educacional que pudessem fortalecer a economia, fazendo-a caminhar para a auto-suficiência.” (BRASIL, 1998b)

Para isso, o desenvolvimento de atitudes e valores é tão essencial quanto o aprendizado de conceitos e de procedimentos. Nesse sentido, é responsabilidade da escola e do professor promover o questionamento, o debate, a investigação, visando o entendimento da ciência como construção histórica e como saber prático, superando as limitações do ensino passivo, fundado na memorização de definições e de classificações sem qualquer sentido para o aluno (BRASIL, 1998b).

Diferente dos bens culturais e das questões do ensino, propriamente dito, atuando de modo não-verbal, o meio físico tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos (ELALI, 2003). O principal recurso físico da escola é constituído por seu prédio, seus equipamentos e respectivas condições de uso, a manutenção desses recursos é de responsabilidade interna da escola (SOARES, 2004). É preciso melhorar as condições físicas das escolas, dotando-as de recursos didáticos e ampliando as possibilidades de uso das tecnologias da comunicação e da informação (BRASIL, 1998b).

Considerando todas as pesquisas e expectativas geradas por estudiosos e professores sobre a escola, suas funções e necessidades, podemos a partir de agora pensar no outro lado da mesma questão: se a escola, da maneira em que se encontra, não atende às expectativas dos professores, será que está atendendo aos alunos?

Pensando em alunos possuírem expectativas para o estabelecimento de ensino ao qual pertencem, e suas críticas, é preciso pensar também no que influenciaria suas opiniões, em uma sociedade que deixou a cultura impressa - tipográfica - como sua principal forma de comunicação de massa para entrar numa nova “Era de Entretenimento”, centrada na cultura da imagem (Ferreira, 2003). A educação opera com a linguagem escrita, e a nossa cultura atual dominante vive impregnada por uma nova linguagem, a da televisão e a da internet (Gadotti, 1999), enfim, a cultura da imagem (SIQUEIRA, 2008).

3 – O DESENHO E A ESCOLA:

A palavra imagem, de certa maneira, tem sido relegada a denominar o produto gerado pelos meios técnicos de reprodução – fotografia, cinema, televisão e, agora, o computador – neles veiculados. No entanto, a imagem vai além, é o resultado de sentenças, é uma forma de linguagem ampla, que acompanha a humanidade desde seu início (FERREIRA, 2003). Nem por isso, simples de ser decodificada, lida e interpretada, ainda assim, uma ferramenta poderosíssima para a transmissão de informações.

De todos os veículos que se desenvolveram com base na linguagem audiovisual, nenhum como a TV, teve tanta repercussão e importância, por conta de ser o único, até agora, a unir de modo exemplar, o universo da linguagem da cultura escrita ao universo audiovisual (FERREIRA, 2003). A sociedade contemporânea como um todo é afetada, direta ou indiretamente, pela televisão (BORUCHOVITCH, 2003). Fazendo parte de uma cultura televisiva que influencia e é influenciada, em qualquer faixa etária, em qualquer parte do mundo.

A televisão não ocupou o espaço de mais um eletrodoméstico: ela transformou as relações sociais, interferindo nas relações familiares e em nossa maneira de agir e pensar (BORUCHOVITCH, 2003). Apesar de sua importância social, sua programação nem sempre é focada na cultura e na educação, sendo, portanto, vista por muitos como instrumento de alienação e transmissora da ideologia dominante (MESQUITA & SOARES, 2008). A cultura visual leva a supor uma naturalização do olhar e da imagem: ver seria uma atividade normal, idêntica em todos os tempos e espaços, uma atividade biológica e não uma construção cultural, mas, ao contrário, o ver, o como as imagens serão interpretadas, varia de cultura a cultura (FERREIRA, 2003).

A televisão é vista por boa parte dos telespectadores, como fonte de informação “básica”, muitas vezes mais importante que os professores e os próprios pais (VIDIGUEIRA, 2007). Isso ocorre porque grande parte do público aceita com naturalidade os valores exibidos pela mídia (VIDIGUEIRA, 2007). Mesmo os desenhos animados, que em geral, são considerados como entretenimento, divertimento infantil, não são vazios de conteúdos simbólicos. Desenhos animados

são “produtos culturais” e sempre são envolvidos por outros conteúdos: político, social, religioso, econômico (SIQUEIRA, 2008).

Todos os valores culturais relacionados que são passados diretamente ou de forma mais simbólica e subjetiva passam a reconhecidos e reconhecíveis pelo espectador. O telespectador não tem uma postura passiva em frente a TV, como se poderia supor, ela o influencia e é capaz de modificar parte da lógica cultural dos sujeitos (FERNANDES & OSWALD, 2005).

Essa forte influência no comportamento é observada, especialmente, nas crianças e adolescentes. Eles ainda estão formando sua identidade cultural e, por isso, são mais influenciáveis (VIDIGUEIRA, 2007). Crianças e adolescentes são um público muito visado, grande parte da programação é voltada para eles (SIQUEIRA, 2008).

O público infanto-juvenil é uma audiência participativa que comenta e determina, muitas vezes ativamente, com e-mails e ligações para a emissora, o que lhes interessa ou não, Tendo em vista esta fatia do mercado, a maioria das emissoras de TV aberta destina parte de sua programação para atender ao público infanto-juvenil. Já na TV a cabo, existem canais que veiculam desenhos animados 24 horas por dia (MESQUITA & SOARES, 2008). A programação possui um caráter especializado, para cada tipo de audiência um tipo de programação (BORUCHOVITCH, 2003). No entanto, há poucas iniciativas nacionais de produção que alcançam os meios de comunicação em massa, os desenhos importados geralmente trazem consigo padrões culturais e de consumo, esse tipo de programa não reserva espaço para elementos típicos da(s) cultura(s) brasileira(s) (SIQUEIRA, 2008).

O primeiro canal específico para crianças, o Nickelodeon, foi lançado nos EUA em 1979 e, hoje, é transmitido para 90 milhões de domicílios em mais de 70 países. Em seqüência a este canal, foram lançados outros com a mesma audiência alvo. São eles: Disney Channel, Cartoon Network, Fox Kids e Discovery Kids, dentre outros (BORUCHOVITCH, 2003).

No Brasil, existem programas e shows específicos para o público jovem, mas não há grandes produções de desenhos ou filmes (MESQUITA & SOARES, 2008). Assim, grande parte das crianças brasileiras consomem desenhos e seriados criados em outros países e importam, até certo ponto, seus valores e cultura. Uma espécie de restituição da cultura antropofágica, onde tenta-se adaptar ao cotidiano o

que se vê no exterior, o que não é sempre fácil ou positivo para um público em formação intelectual.

O mesmo desenho que é produzido para agradar a criança norte-americana deve agradar às crianças sul-americanas, européias e asiáticas, apesar das óbvias diferenças culturais, sociais e econômicas destes públicos (BORUCHOVITCH, 2003). O que só é possível porque a televisão representa um novo código de comunicação que nivela, homogeneíza e permite que os jovens telespectadores, não importando nacionalidade ou seu nível sócio-cultural, possam partilhar da mesma experiência e falar na mesma linguagem (VIDIGUEIRA, 2007).

Hoje é preciso lecionar com a premissa de que já não é possível excluir a presença da televisão de nossas atividades cotidianas (BORUCHOVITCH, 2003). A televisão atua e continuará atuando, como instrumento de interpretação da realidade, oferecendo às crianças e jovens modelos de comportamento (VIDIGUEIRA, 2007), promovendo uma abordagem discursiva sobre estereótipos e representação do real (MESQUITA & SOARES, 2008).

É importante que a questão do poder e da influência da televisão seja objeto de estudo para aqueles que se envolvem, direta ou indiretamente, formal ou informalmente, no processo educativo (FERREIRA, 2003). Observando sua influência sobre as crianças e adolescente aos quais lecionamos, teremos chance de entender as expectativas geradas pelo que é visto na TV quando comparado à realidade escolar.

4 – LOCAL DA PESQUISA

O local de estudo foi o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, que é vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IAP-UERJ). Foi criado em 1957, denominado, à época Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O IAP/UERJ tem como objetivo ser uma unidade de experimentação e aperfeiçoamento metodológico e didático de ensino (UERJ, 1997).

O colégio, desde sua formação esteve em 3 *campi* diferentes, sendo o último, no bairro do Rio Comprido, onde foi feita a pesquisa deste trabalho. O prédio era de um hospital que foi reformado, e é constituído de dois blocos e, embora pequeno, une Ensino Fundamental e Médio e todas suas atividades (UERJ, 1997).

5 – OBJETIVO:

Essa monografia avaliou as respostas de alunos de 11 a 13 anos de idade, cursando o sexto e sétimo anos Ensino Fundamental no IAP/UERJ, sobre como é a sua visão da sua escola. Pedimos que comparassem a escola apresentada em seu desenho favorito (escola-expectativa) à sua (escola-real). O objetivo é identificar quais são as expectativas dos alunos para a instituição na qual estudam, usando como ferramenta suas impressões sobre os modelos veiculados pela mídia.

MATERIAIS E MÉTODOS

Durante o mês de janeiro de 2009, foram entregues folhas com perguntas para alunos do IAP-UERJ, com espaço livre para resposta. Esse questionário foi distribuído como trabalho desenvolvido para avaliação em Estágio Supervisionado, matéria concluída durante o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UERJ. O trabalho foi realizado em dupla com o aluno Marlon Almeida, e os dados coletados serviram como base para o estudo realizado nessa monografia. O questionário foi como mostra a figura 1.



Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Disciplina: Ciências
Estagiária: Luciana Fiuza e Marlon Almeida

Pesquisa:

Em muitos seriados, filmes e desenhos animados que assistimos hoje em dia, os heróis frequentam a escola. No entanto, a escola deles nem sempre é igual a nossa.

Escreva abaixo seu programa favorito em que apareça algum tipo de escola. depois **compare** essa escola com a sua. Não esqueça de escrever o horário e canal que você assiste!

Figura 1: modelo de página apresentada aos alunos para que respondessem a pesquisa implementada

Esses questionários foram distribuídos aos alunos, que tiveram cerca de cinco minutos finais da aula para responder.

Os alunos disseram a que horas, qual era e em qual canal assistiam a seus programas de TV ou filmes favoritos, em que aparecesse uma escola e compararam com a escola em que estudam. Os resultados serão discutidos a seguir.

7- RESULTADOS:

No total 157 alunos de sexto e sétimo ano, do Ensino Fundamental, responderam ao questionário voluntariamente. Ao final da aula, a professora de Ciências disponibilizou um tempo para que os alunos preenchessem a folha com a pergunta: “Em muitos seriados, filmes e desenhos animados que assistimos hoje em dia, os heróis freqüentam a escola. No entanto, a escola deles nem sempre é igual a nossa. Escreva abaixo seu programa favorito em que apareça algum tipo de escola, depois compare essa escola com a sua. Não esqueça de escrever o horário em que você assiste!”

A linguagem informal foi usada para promover um tom divertido, a fim que os alunos se inspirassem, de vontade própria a responder aos questionários. Durante a apresentação dos mesmos, não foram sugeridas respostas nem foi pedido que respondessem. Foi evidenciado a eles que estariam livres para responder, ou não, da maneira que preferissem a pergunta. Os que tiveram dúvidas pontuais sobre o que era necessário escrever, obtiveram respostas, o mais imparciais possível. Por esses motivos, as respostas foram muito diversas e, alguns alunos deixaram de responder um ou mais itens que foram pedidos. Ainda assim, nenhuma folha respondida deixou de ser avaliada e está entre esses os resultados.

O questionário foi disponibilizado em meia folha tamanho A4, que, seguinte à pergunta impressa, estava em branco. Assim, os alunos puderam se expressar livremente, sem limites de linhas, podendo até desenhar se preferissem.

Apesar do menor número de contribuições do sétimo ano, a resposta desse grupo foi mais completa e rica em detalhes. Foram 111 alunos do sexto ano e 46 do sétimo que responderam ao questionário. Sendo que cada ano possui, em média, 120 alunos no total.

Do total, 25% dos alunos citaram desenhos animados da TV, 52% seriados ou novelas, 17% filmes e 6% não optaram por nenhum programa específico da TV. Desses alunos que não escolheram nenhum programa, 7 alunos não citaram desenho específico, mas compararam as escolas e 3 afirmaram não assistir TV ou filmes de nenhum tipo. Esses últimos justificaram que suas família consideravam esse tipo de mídia maléfica ao seu sucesso escolar.

7.1 – A Violência nos Programas Escolhidos

Boa parte da literatura especializada indica altos níveis de violência nos desenhos animados consumidos pelas crianças (SIQUEIRA, 2008; BORUCHOVITCH, 2003; FERNANDES, 2005; VIDIGUEIRA, 2007). Nas questões levantadas pela literatura que caracterizam a banalização da violência como: sangue apresentado em grande quantidade, morte como corriqueira e resultante de violência e disputas sendo resolvida com brigas físicas e violentas, a maioria dos programas apontados não apresenta essas características. O único que apresenta todas essas características é o desenho japonês “Naruto”, assim mesmo de forma significativamente reduzida quando comparados a outros desenhos do mesmo tipo.

Alguns outros programas apresentam disputas violentas, brigas e morte dos inimigos, mas sem o apelo do sangue superexposto, como o filme “Crepúsculo”, “Homem Aranha” e o seriado “Heroes”. Outros apresentam lutas, brigas, mas a morte é um tabu e nem um pouco corriqueira, como: “Harry Potter”, “Super Shock”, “Três Espiões demais”, “Deny Phanton” e “Bem10”. Outros, mostram uma rede de intrigas em que alguns alunos querem prejudicar os outros, mesmo que não fisicamente: “Rebeldes”, “Gossip Girl”, “Malhação”. Ou seja, do universo de 38 programas de TV indicados, apenas 1 é violento em todos os quesitos citados.

7.2 – Influência da Greve nas Respostas

Houve muitas respostas reclamando da greve de professores e funcionários ocorrida no ano anterior à pesquisa, um dos alunos escreveu: “Na escola do desenho não há greves, a não ser por nevascas e tempestades, aqui tem todo ano!”. Apesar de ser um exagero dizer que ocorrem todo ano, não foram poucas greves. Especialmente porque o colégio deles é vinculado à Universidade, de maneira que, toda vez que há greves eles passam os meses que as outras crianças estão de férias, estudando, e vice versa.

Provavelmente a greve influenciou nas respostas dos alunos porque, dos que afirmaram ver seu programa na TV aberta, a maior parte assistia durante a manhã, no horário em que deveriam estar em sala de aula.

7.3 – O Espaço Escolar

Os alunos citaram muitas vezes problemas no espaço escolar, colocaram que a escola que aparece na TV (escola expectativa), seria superior estruturalmente à escola em que estudam (escola real). Os itens mais comentados foram: quadras para diferentes esportes dentro da escola, piscina, pista de atletismo, salas de computação, boas bibliotecas, auditórios grandes e bem equipados, refeitórios com as refeições gratuitas e de boa qualidade, salas de aula bem conservadas, laboratórios bem equipados. Além desses, um assunto muito destacado pelos alunos foi a questão de armários pessoais para o uso dos alunos, o que, na escola real, poucos têm acesso.

Essas questões estão relacionadas à adequação das atividades escolares desejáveis e também observadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b).

Alguns outros pontos relacionados ao espaço escolar incomodam os alunos quando comparam sua realidade ao que vêem na TV. É o caso da ausência de uma bandeira nacional, a falta de plantas dentro do colégio – um aluno escreveu “é tudo concreto!”. Outros reclamaram de passar o dia todo dentro da sala de aula, pois no seu desenho os alunos aprendiam ao ar livre.

Elali, em 2004, escreveu um artigo refletindo sobre a questão do espaço escolar:

“Assim, dar maior atenção às características sócio-físicas dos ambientes e às relações entre estes e a criança, garantindo a ela oportunidades de contato com espaços variados, tanto construídos pelo homem quanto naturais, é uma maneira de proporcionar à infância condições plenas de desenvolvimento, gerando a consciência de si e do entorno que são provenientes da riqueza experiencial.”

O que demonstra que as necessidades de espaços físicos e sociais compartilhada pelas crianças é, também observada pelos estudiosos na área. A escola carece de espaços de convivência, para atividades extra curriculares e para interação social.

Muitos observam que, no sistema americano (a maioria do entretenimento consumido pelos alunos é americana), os alunos é que mudam de sala para acompanhar as aulas dos professores. Alguns citaram a possibilidade dos alunos no programa escolherem algumas das matérias que acompanhariam naquele ano de acordo com seus interesses pessoais. Assim como o uso de uniformes, que para eles é obrigatório e não para seus heróis. O recreio idealizado pelos alunos também é calmo, possui diferentes e amplos espaços em que podem conversar e interagir livremente.

7.4 – Violência na Escola: O Caso do *Bullying*

A maioria dos programas de TV indicada apresenta, em algum momento, a questão do *bullying*. As crianças percebem isso e comentam, boa parte delas falando que sua escola é igual: crianças menores sofrem violência, algumas poucas disseram que no desenho era pior, mas nenhuma chegou a afirmar que em sua

escola não há *bullying*. Freitas realizou uma pesquisa no IAP-UERJ sobre a questão o *bullying* e o define da seguinte forma:

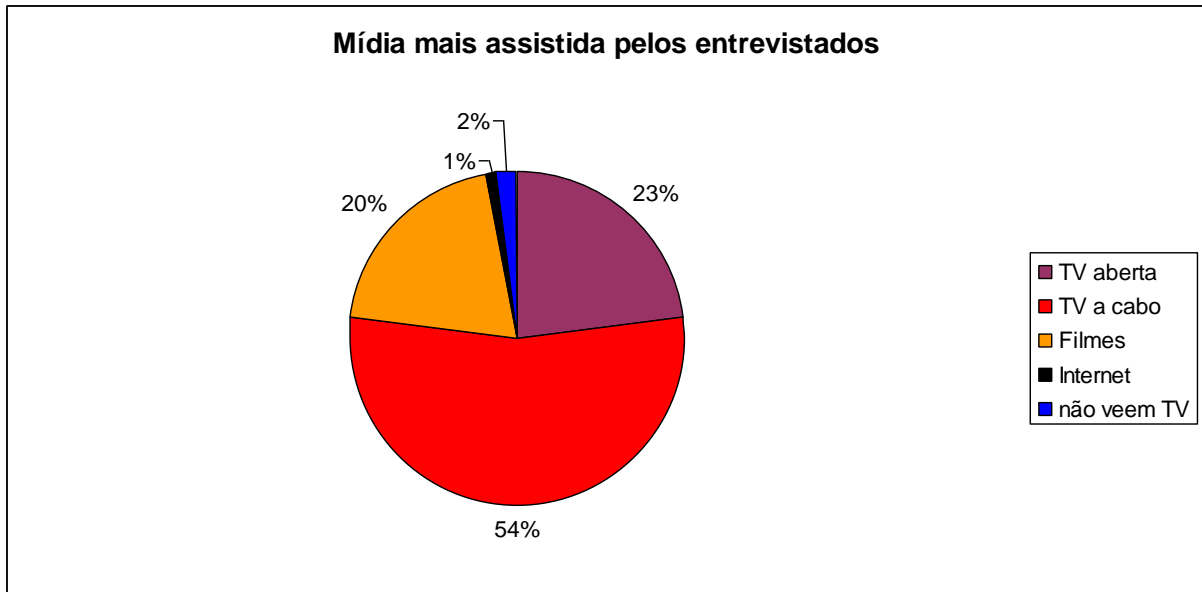
“o bullying, caracterizado como um conjunto de comportamentos por onde o aluno pratica as mais diversas formas de violência física e psicológica, além de atos de (in)disciplina que passam da simples intimidação a ataques físicos, aqui estão citadas algumas das formas em que se encontra o aluno vítima deste tipo de agressão silenciosa dentro de uma instituição de ensino” (FREITAS, 2004)

Em seguida o autor revela que, em sua pesquisa, 40% dos alunos que freqüentavam o IAP/UERJ em 2004 afirmaram já ter cometido alguma agressão a outro aluno dentro do Instituto (FREITAS, 2004). Se 40% admite cometer atos violentos, não é de se estranhar que quase todos os alunos tenham comentado sobre isso. Esse dado, em si, já é um grande indicativo de um problema comum, no entanto bastante sério, que tem ocorrido nas escolas atualmente.

7.5 – Programação: TV Aberta X TV A Cabo

Quanto à divisão da TV aberta em relação à TV a cabo foi bastante dispare. Do total (155 alunos), para 54 % dos alunos o programa favorito passa na TV a cabo, 23 % assistem a TV aberta. Os alunos que escolheram filmes para representar sua escola ideal foram 20 %. E, também, menos de 1% dos alunos assiste seus desenhos pela internet em sites especializados (escreveram até o endereço) e 2 % afirmaram não assistir TV nem gostar de filmes (Gráfico 2).

Gráfico 2: tipo de mídia mais assistida pelos alunos entrevistados



Os resultados para sexto e sétimo anos são muito semelhantes no que se refere à TV aberta e aos filmes. Na TV aberta os mais citados foram “*Bob Esponja*”, “*Malhação*”, “*As Visões da Raven*”, “*Eu a Patroa e as Crianças*”. Os filmes foram: “*Harry Potter*” (85%), “*Crepúsculo*”, “*High School Musical*” e “*Homem Aranha*” (eles escreveram que ele vai à Universidade e não à escola).

7.6 – Nacionalidades Da Programação Assistida:

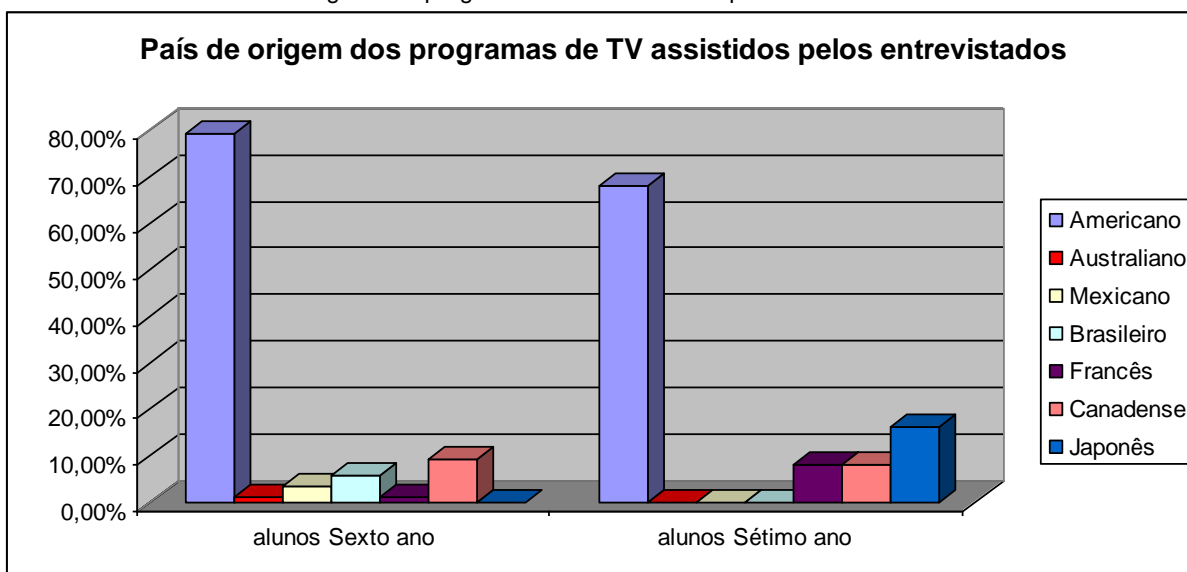
Quanto ao consumo de produtos estrangeiros, a maioria dos programas apresentados na TV citados não são nacionais, às exceções da novela jovem da TV Globo: “*Malhação*” e do programa humorístico “*Uma Escolhinha muito Louca*”, produzido pela TV Bandeirantes. A grande maioria, em ambos os anos entrevistados, foram seriados e desenhos Norte Americano, definindo aí a soberania cultural dos Estados Unidos sobre nossos jovens. Foram 79,5% no sexto ano e 68% no sétimo ano. No sexto ano, o segundo lugar ficou com os Canadenses, com 9,1% dos entrevistados citando-os, enquanto no sétimo ano foram 8%.

No sétimo ano, o segundo maior produtor de filmes cujos entrevistados assistem é o Japão. Apesar da diversidade de desenhos japoneses produzidos, os alunos escolheram “*Naruto*” como seu desenho favorito em que aparecem escolas. O sexto ano não citou nenhum desenho japonês, mas enquanto recolhíamos as

respostas dos alunos, perguntei para um aluno, cuja a mochila tinha um grande desenho do personagem Naruto, o por quê ele não citou esse desenho. O menino pensou, olhou para mim e disse que não havia lembrado que o Naruto freqüenta uma escola, porque a dele era muito diferente, achava que tinha que ser uma escola formal, igual a dos “*Padrinhos Mágicos*”. Por mais que o desenho japonês seja amplamente apreciado pelos alunos de ambas os anos, apenas os do sétimo criaram um paralelo entre a escola de ninjas em que se aprende experimentando ao ar livre e a sua escola de convivência.

Ambas as turmas citaram o mesmo desenho de origem francesa: “*Três Espiões Demais*”, sendo mais apreciado no sétimo ano. No sexto ano foram citados ainda o australiano “*A Galera do Surf*” e os mexicanos: a novela-jovem “*Rebeldes*” e o já clássico “*A turma do Chaves*”.

Gráfico 3: País de origem dos programas de TV assistidos pelos entrevistados.



7.7 – Diferentes Escolhas entre Sexto e Sétimo Ano:

Em relação às diferenças entre sexto e sétimo ano são, em sua maioria, os títulos dos programas na TV por assinatura. Os mais indicados pelos alunos de sexto ano foram: “*Zoey 101*” e “*Padrinhos Mágicos*”. Para os alunos de sétimo ano os melhores programas são: “*Naruto*”, “*Os Simpsons*” e “*Meu Amigo da Escola é um*”.

Macaco”, além do campeão de audiência para os alunos de ambos os anos: “*Manual de Sobrevivência Escolar do Ned*”.

Tabela 4: Programas de TV mais assistidos pelos alunos – número de alunos e porcentagens por ano.

Programa de TV	Alunos do 6 ^o ano Tot = 111		Alunos do 7 ^o ano Tot = 46	
	N ^o	%	N ^o	%
Manual de Sobrevivência Escolar do Ned	33	30%	6	13%
Zoey 101	10	9%	1	2,2%
Padrinhos Mágicos	7	6,4%	4	8,7%
Naruto	0	0%	4	8,7%
Os Simpsons	3	2,7%	2	4,4%
Meu amigo da escola é um macaco	5	4,5%	2	4,4%
outros	53	47,4%	27	58,6%

8 – DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS MAIS ESCOLHIDOS:

A seguir, algumas observações sobre os programas mais citados pelos alunos:

8.1 - “Manual de Sobrevivência Escolar do Ned”:

Figura 5: Ned, o personagem principal do seriado: “Manual de Sobrevivência Escolar do Ned”



Fonte: <http://www.nick.com/shows/neds-declassified>

É um seriado americano que conta a história do personagem principal, o Ned, e seus dois melhores amigos: um garoto muito inteligente ligado à tecnologia e sabe tudo de informática e uma garota muito estudiosa, boa aluna, mas bem integrada socialmente na escola.

O seriado tem um ritmo próprio, rápido, dinâmico, engraçado, colorido, com muitas onomatopéias para dar sentido aos acontecimentos. Nele passam acontecimentos cotidianos numa escola de ensino fundamental, hiperbólicos, com certeza, mas ainda assim que poderiam acontecer semelhantes em qualquer escola.

Durante todo o episódio, o personagem principal faz interrupções com a câmera e dá dicas, como em um manual, de como agir nessas situações. É, claramente, uma linguagem de *hiperlink*, com a qual os alunos muito se identificam, demonstrando como as linguagens da internet e da TV tem sido mescladas.

Esse programa busca passar valores morais, além de todo o lado cômico em si. Existem episódios recomendando aos alunos não colarem, a conversarem com os professores e pedirem ajuda em caso de bullying, a se reunir em atividades extra-classe como clube do livro etc.

Os alunos, quando compararam sua escola à do Ned ressaltaram os seguintes aspectos diferentes: nessa escola os alunos vão para as salas e podem montar seus horários e escolher algumas disciplinas; não há uniforme; têm armários para todos os alunos guardarem seu material; festas, shows de talento na escola e maior variedade de atividades extra-classe; tutor em caso de dúvidas escolares; escola não tem greves; último segmento do Ensino Fundamental fica separado dos demais ciclos e do Ensino médio; escola expectativa é limpa e bem arrumada, com uma boa quadra dentro da escola, tem líderes de torcida e anuário. Além disso, colocam como a escola expectativa como um lugar cheio de aventuras, coisas engraçadas e diferentes acontecendo o tempo todo, além das questões físicas, do seu colégio real estar “todo quebrado, com infiltração do teto e ar condicionado pifado”. Em comum entre a escola real e a expectativa comentaram: *bullying*, ter regras, ambiente escolar, materiais e professores semelhantes. Apesar de todas as diferenças listadas, muitos disseram que a série retrata o cotidiano de quase todas as escolas e se identificam com os personagens.

8.2 - “Zoey 101”:

Figura 6: Zoey, personagem principal do seriado “Zoey 101”



Fonte: <http://www.pacificcoastacademy.com/>

Zoey faz parte da primeira leva de alunas de uma escola que sempre foi apenas para garotos. É dito pelos personagens que a qualidade de ensino da escola é uma das melhores do país, que a escola é “muito puxada”. Mas raramente durante os episódios aparecem as aulas ou alunos estudando.

Na verdade, o que mais chama atenção na escola é o espaço físico lindíssimo, enorme, muito bem tratado, com grandes jardins, quadra, piscina, em frente à praia. Os alunos vivem no colégio em internato, e portanto vivem em dormitórios juntos. Fazem muitas festas, reuniões, interagem muito.

Além das disputas iniciais entre meninos e meninas, por ser a primeira turma de meninas aceita, o seriado também busca inculcar valores morais, ainda que promova a competição e seja permeada da conhecida cultura americana, que tem valores um pouco diferentes da nossa. Os alunos aparecem interagindo com os professores, apesar deles serem secundários na trama.

Quando compararam a escola desse seriado à sua escola real os alunos novamente ressaltaram a questão do espaço físico restrito de sua escola real e a manutenção aquém de suas expectativas. Assim como mais atividades extra classe,

ausência de uniforme e desafios e novidades, que na escola real parecem não ocorrer.

8.3 - “Padrinhos Mágicos”:

Figura 7: Jimmy, personagem principal do desenho “Padrinhos Mágicos”



Fonte: <http://www.nick.com/shows/fairly-oddparents>

É um desenho animado mais fantasioso, é a história de um menino chamado Timmy, que não tem muita atenção dos pais (mesmo sendo filho único) e tem apenas um amigo na escola. Ele sempre é deixado com uma “*baby sitter*” malvada e seu professor de ciências persegue ele. Por isso tudo, o menino ganha de presente um casal de “padrinhos mágicos” que são fadas, realizam todos os desejos que ele quiser.

A escola aparece muito pouco, quando aparece mostra mais as interações do Timmy com um de seus inimigos: o professor de ciências, cujo principal objetivo é provar que fadas existem. O Timmy sempre consegue um jeito de esconder que tem fadas e o professor acaba ficando com fama de maluco.

Quando comentaram desse desenho os alunos citaram a presença da bandeira nacional na escola do Timmy, repetem que no desenho não há greves, falam também que acontecem coisas novas, diferentes e divertidas na escola do

desenho. Os alunos colocaram que o desenho é mais infantil, eles não se identificam com os personagens como nos outros programas apresentados. Observam também que aparece muito pouco o cotidiano da escola em si, que os alunos da escola expectativa “só ficam lá para fazer prova” e as aulas “não duram nem 10 minutos”. Nesse desenho o bullying também acontece.

8.4 – “Naruto”:

Figura 8: Os três principais personagens do anime “Naruto” – Sakura, Naruto e Sasuke



Fonte: www.narutoonline.com

Naruto é um *anime*, um desenho animado japonês baseado em um *mangá* (história em quadrinhos japonesa). Consiste na história da vida de um garoto chamado Naruto que, no começo do desenho, deve ter idade aproximada com a dos alunos (por volta dos 12 anos).

O desenho é permeado com a cultura, filosofia, mitologia e arte japonesas. Como muitos desenhos japoneses, é um produto de exportação cultural bastante bem elaborado.

No início do primeiro capítulo aparece um povoado de *ninjas* lutando contra um monstro gigante que tem formato de uma raposa que tenta destruir a vila. A raposa parece ser feita de fogo, de energia. Durante a batalha, um *ninja* selou o monstro no umbigo de uma criança em uma batalha mortal e morreu em seguida. No decorrer dos capítulos, o restante da história é revelada através do percurso do personagem principal, Naruto (a criança da história).

Como todos adultos da Vila da Folha (um lugar que fica no país do fogo, em um mundo fictício parecido com o Japão Feudal) devem guardar a história de Naruto no mais absoluto sigilo, nem Naruto nem os outros jovens e crianças da vila sabem desta história. Naruto somente terá acesso à sua história e à história da vila quando for reprovado no exame final da Academia onde estuda para se tornar um ninja.

Logo no começo da história é mostrado o fracasso escolar de um aluno indisciplinado e excluído (as pessoas tinham preconceito contra a história que nem ele mesmo conhecia). Naruto consegue provar seu valor superando um grande desafio e passa para a sua próxima fase escolar, onde se torna uma aprendiz de ninja.

Durante sua história escolar, Naruto se mostra hiperativo porém muito esforçado. Em sua escola a teoria e a prática são ensinadas quase simultaneamente. Onde cada mestre possui grupos de 3 alunos para ensinar. Cada aluno tem um talento ou habilidade, que pode vir de família ou não. Os professores trabalham esses talentos e desenvolvem as habilidades dos alunos a fim de que todos se tornem ninjas capazes de proteger sua vila e ganhar seu sustento com as missões (eles eram pagos para trabalhar). Esses professores eram *ninjas* experientes e formados do mesmo modo: eles chamavam os alunos para uma parte de um bosque ou campo e explicavam a teoria; em seguida, eles faziam algum exercício para colocar em prática o que foi aprendido, e ficavam ali sendo orientados pelo professor até conseguir superar a questão-desafio que foi sugerida; depois dos treinos a avaliação sempre era um trabalho real, em campo, onde aplicariam o que aprenderam. O grupo dos alunos mais o professor formavam uma equipe que trabalha junta nas missões que serviriam como avaliação dos alunos.

Os alunos, ao comentar sobre esse desenho foram capazes de observar quase todas essas características. Falaram da questão de aprender ao ar livre, sobre aprender o que seria aplicado, sobre ter desafios sempre maiores para

superar, sobre a parte prática, tanto no aprendizado quanto na avaliação aplicada a situação que seria cotidiana no futuro trabalho.

Ainda que seja fantasiosa, “Naruto” mostra uma escola dentro de alguns requisitos em comum com a escola que os docentes e pesquisadores em educação buscam. Uma escola que promova talentos, que prepare alunos para o mercado e que incentive o contato e a valorização do meio ambiente, da sua cultura local e do trabalho em equipe.

8.5 - “Os Simpsons”:

Figura 9: Família Simpson do seriado “Os Simpsons”



Fonte: www.simpsons.com.br

“Os Simpsons” é um desenho animado americano que é mais voltado ao público adulto, ainda que amplamente consumido por crianças e adolescentes. É um desenho que utiliza a ironia e a crítica à sociedade americana. Mostra o cotidiano de uma “típica” família americana e suas maneiras de resolver os problemas.

O desenho é permeado por cenas cômicas e críticas mais ou menos claras a cultura americana e ao dito “*american dream*”, ainda que seja feito por americanos. Como não poderia deixar de ser, os filhos freqüentam a escola primária pública de sua cidade. E assim aparecem todas as questões cotidianas de uma escola que aparecem nos outros programas, a diferença é que esse desenho não tem obrigação nenhuma de passar valores morais, pelo contrário, ele faz piada com a (falta de) ética dos personagens.

Os alunos novamente citaram as questões físicas inferiores de seu colégio e o fato dos alunos do desenho não usarem uniforme. Em comum, citaram a dificuldade em conseguir verbas para a manutenção da escola, que o desenho também ironiza.

8.6 - “Meu amigo da escola é um macaco”:

Figura 10: Adão Leão e seu amigo do desenho “Meu amigo da escola é um macaco”



Fonte: http://www.cartoonnetwork.com/tv_shows/gympartner/index.html

Nesse desenho animado a escola é formada apenas de animais, todos os alunos são os mais variados animais de todas as partes do mundo, que é claro, falam e interagem. Nessa escola cada bicho aprende a usar seus talentos para sobreviver melhor. A escola se chama Charlie Darwin e o personagem principal é um

humano chamado Adão Leão, que por causa do sobrenome, foi parar por engano nessa escola de animais. Ao chegar na nova escola, Adão faz amizade com um macaco e se tornam companheiros em todas as atividades e aventuras, é dessa amizade que foi inspirado o nome do desenho.

Os alunos que responderam o questionário citando esse desenho ficaram cantando a música de abertura do desenho enquanto escreviam e, toda a turma riu e se divertiu ao ouvir eles cantarem. É um desenho bastante engraçado, ainda que fantasioso, e agrada à maioria.

Esse desenho mostra bullying ocorrendo, assim como os outros. É um tema comum entre quase todos os programas que mostram escolas. No caso desse, é um tubarão que aterroriza todos os outros animais.

Sobre o desenho os alunos, como sempre, falam das questões físicas precárias de sua escola real, da monotonia que sentem. Citam novamente a questão dos armários, indisponíveis para todos na escola real assim como da falta de jardins e espaços verdes.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tradicional, pautada nas necessidades e objetivos do passado não mais condiz com as necessidades encontradas no presente. A proposta de reforma existe, os Parâmetros Nacionais já foram publicados e a sociedade está ciente da necessidade de mudança.

Os programas vinculados pela televisão possibilitaram aos alunos uma crítica coerente à sua realidade. A partir desses desenhos e seriados sugeridos pelos estudantes é possível observar que a mídia tende a buscar elementos da realidade para colocar em suas criações. Assim, apesar de fantasiosas, as produções possuem elementos do cotidiano escolar, como foi apontado pelos alunos.

Ao comparar os programas as suas realidades, os alunos foram, em sua grande maioria, pertinentes e souberam expressar bem suas expectativas e desconfortos. Os elementos lúdicos, e apelos fantasiosos das produções midiáticas não foram confrontados com o objetivo da pesquisa, servindo mais como apoio para incentivar as respostas coerentes dos que voluntariamente a responderam.

As expectativas dos alunos é semelhante ao que foi apresentado nesse trabalho, apontado pelos especialistas: necessidade de valorização da cultura nacional e do meio ambiente, oferecimento de atividades fora da sala de aula, adequação dos currículos ao mercado, estimulando a criatividade e a curiosidade, avaliações mais práticas e justas, questões desafios e mudanças na rotina para transformar a escola em um espaço mais agradável.

Essas questões apontadas demonstram uma convergência nas expectativas que, ainda assim, destoam da realidade. Se o objetivo é comum e as propostas semelhantes, o próximo passo é buscar concretizar o que foi sugerido.

Todas as expectativas expressas nesse trabalho, quando observadas sob o prisma do Ensino de Ciências apontam a matéria como possível solucionadora de grande parte das carências da escola atual. A matéria pode ter papel ativo na formação de um cidadão crítico, que saiba buscar criteriosamente o conhecimento, relacioná-lo ao ambiente a sua volta e chegar as suas próprias conclusões. Ao mesmo tempo permite criar, desafiar, tirar dos alunos a sensação de rotina, criar o desafio e a aventura.

A matéria de Ciências permite ensinar com prazer, com a descoberta, usando o erro de maneira favorável e oportunizando o acerto. O professor de ciências deve ser o primeiro a buscar, dentro de seus próprios recursos, mudar o que é necessário para tornar a escola um espaço de formação do cidadão da maneira que toda a sociedade quer e espera.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Claudia; SILVA, Monica. *La Reforma Educacional Implementada en Brasil (1990-2004): Enunciados y Formuladores*. Artigo apresentado em: Cuarto Congreso Nacional y Segundo Internacional de Investigación Educativa, 2005. Disponível em: <http://face.uncoma.edu.ar>; Acesso: Janeiro de 2010; ISBN 978-987-604-050-1

AERTS, D.; et al. *Promoção de saúde: a convergência entre as propostas da vigilância da saúde e da escola cidadã*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1020-1028, 2004.

ANDRADE, Karen; COSTA, Maria. *Clube de Ciências e Cultura – uma integração escola e sociedade*. Revista Eletrônica Trabalho e Educação em Perspectiva , n.2, ed., Belo Horizonte: NETE – UFMG. 2007.

BORUCHOVITCH. *A programação infantil na televisão brasileira sob a perspectiva da criança* ; orientador: Solange Jobim e Souza. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2003. 120 f. : il. ; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais : Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental*. . Brasília : MEC / SEF, 1998a. 138 p.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF, 1998b. 174 p.

COELHO, M. M.; FARIA, C. M. *Uma estratégia para desenvolver em situações de sala de aula habilidade de observação na área de ciências*. Cad. Cat. Ens. Fis., 11(1): 11-8. Florianópolis, 1994.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sócio-cultural*. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 136-161.

ELALI, G. A. *O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil*. Estudos de Psicologia, 2003, 8(2), 309-319.

FERNANDES, A. H. OSWALD, M. L. B. M. *A recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: Desencontros e encontros* Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 65, p. 25-41, jan./abr. 2005 25; Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 16 de novembro de 2009

FERREIRA, Lenira et al. *Leituras: significações plurais: educação e mídia: o visível, o ilusório, a imagem*. Ed PUCRS, Porto Alegre, 128 p., 2003

FREITAS, Luciano dos *Bullying: Programa de Prevenção da Violência entre Alunos no Ambiente Educacional* Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 2004 disponível em: <http://www.ufmg.br/congrext/Educa/educa41.pdf>, acessado em 10 de janeiro de 2010

KRASILCHIK, Myriam. *Reformas e realidade: o caso do ensino das ciências*. São Paulo *Perspec.* [online]. 2000, vol.14, n.1, pp. 85-93. ISSN 0102-8839.

MESQUITA, N. A. S.; SOARES, M. H. F. B. *Visões de Ciência em desenhos animados: Uma alternativa para o debate Sobre a construção do conhecimento Científico em sala de aula*; *Ciência & Educação*, v. 14, n. 3, p. 417-29, 2008

MOURA JBVS, LOURINHO LA, VALDÊS MTM, FROTA MA, CATRIB AMF. *Perspectivas da epistemologia histórica e a escola promotora de saúde*. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos; 2007;14:2:489-501.

SANTOS, W.L.P. E MORTIMER, E.F., *Tomada de Decisão para Ação Social Responsável no Ensino de Ciências*, *Ciência & Educação*, v.7, n.1, 95-111, 2001.

SIQUEIRA, Denise. *“Comunicação e Ciência: Estudos de representações e outros pensamentos sobre mídia”*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2008, 120 p.

SOARES, J. F. *O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos*. *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calid, Eficácia y Cambio en Educación*, Madrid, v.2, n. 2, p. 83-104, 2004. Disponível em: <<http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol2n2/Soares.pdf>>. Acesso em: Nov, 2009.

UERJ. *Histórico do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira* Processo 4056/DAA/1997 p. 115-122

VIDIGUEIRA, V.C.R.; *A influência da televisão no desenvolvimento sócio-emocional dos adolescentes*; Monografia em Licenciatura em Psicologia, orientada pela Doutora Ana Paiva em 2007, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Algarve, Portugal. Disponível em www.psicologia.com.pt